



NARCISO EM TARDE CINZA

Jorge Mautner

(1965)

ã
azogue editorial

Ele estava numa estrada e havia relâmpagos. As flores vermelhas cheiravam a perfume embriagador: cheiro de sexo e sal do mar. Lá ao longe o mar leitoso e grosso e quente e azulino. E um vento gelado e úmido. Gotas passeando pelo céu, pelo espaço, batendo na carne, na terra. Flores vermelhas dentro da vegetação verde-escura praiana. Lama, areia. Rochas ao longe lambidas pelo mar. Uma casa ao lado de uma rocha enorme e velha e que tinha um buraco que era uma caverna e por onde o mar entrava com uma espuma branca e selvagem.

Ele estava sozinho. A areia é gostosa quando é cor cinza e quando está molhada. Ele correu até o mar. Pisou na areia. E as gotinhas voaram de encontro ao seu rosto e seu corpo. Pareciam luzinhas e eram gotinhas que vinham lá do alto e que o vento levava. O vento forte do mar. Tudo estava cinza. Ele antes de entrar no mar parou. Tirou o sapato, a meia, a camisa, a calça, a cueca e se banhou nu.

Lá da casa de madeira ao lado da rocha uma moça espiava pelo binóculo. Ela percorria a praia cinzenta com o seu binóculo. Lentes brancas e matéria plástica preta: eis o binóculo! E a praia era tão triste de ver! Cinza era a cor de tudo. Cinza a cor dos olhos dela. Ela tinha cabelos que caíam pelos ombros. Pretos. E ela viu ele se banhar no mar e a roupa na areia molhada.

Tudo úmido, gelado. Ela acendeu um cigarro. Com as mãos trêmulas. Olhou de novo pelo binóculo. Ficou olhando. Ela estava de short e com sandália dourada. Seus pés tinham as unhas pintadas. Pintadas de esmalte brilhante. O ouro e o prata existiam no pé: a sandália e a cor das unhas. Lá fora só o cinza escuro de chuva e de tristeza.

Ele se banhava e se beijava. Enquanto se banhava na água salgada e espumosa e cinza ele beijava seu braço e com a mão alisava seu corpo, seu ventre, suas nádegas e o mar via tudo isto. Ela pelo binóculo não percebeu isto.

Um peixe que por ali passava também viu tal coisa porém não ligou pois os peixes não ligam para tais coisas e continuou a nadar a nadar por aí, pelo mar que é o seu reino assim como o reino de um cavalo é o pasto, a imensidão das campinas.

E ele se beijava voluptuosamente. Sua língua tremia, seus lábios também. A água do mar lhe batia até o pescoço. E quando vinha a onda ela cobria sua cabeça também e seus cabelos quando a onda já tinha passado derramavam água do mar. Os cabelos eram compridos e lindos. Ele era bonito. Por isto é que se beijava e alisava. E depois ele beijava seu ombro e com a mão que não alisava seu corpo ele excitava seu órgão sexual. Ele beijava e passava a língua na carne dele mesmo com a carne mergulhada na água. E seu beijo então ficava com o gosto de dois sais: o sal da carne e o sal do mar.

Ela saiu de casa e foi até a praia e fingiu andar despreocupada pela praia. Ela queria é encontrar aquele que se banhava nu no mar escuro e grosso. Ela chegou até onde estava a roupa dele e um arrepio percorreu o corpo dela. Ela mordeu os lábios e perdeu o controle. Ela se ajoelhou e pegou a cueca dele e pôs-se a esfregá-la em seu corpo. E rolou na areia cinza e molhada daquela praia solitária.

Ele saiu do mar pois viu alguém, uma mulher rolando na areia ao lado de sua roupa. Quis ver o que acontecera. E saiu do mar nu alisando seus cabelos compridos e molhados.

Ela quando o viu sair do mar e se aproximar dela parou de rolar e ficou esperando imóvel. Só a sua respiração é que mexia a carne dela. O vento, o pulmão, o pulsar do coração. A chuvinha caía suave que nem milhares de pedacinhos de papel.

Ele chegou até ela e perguntou: — “O que foi?” O órgão sexual dele estava eriçado. Ela disse: — “Quero dormir com você. Vi você de binóculo. Sou filha de gente rica e moro aqui solitária pois sou esquisita e gosto do mar. Meus pais pagam tudo. Como eu te desejo!” E agarrou a perna dele mas ele esquivou-se. Ela quis beijar as suas coxas mas ele afastou a cabeça dela com as mãos. Ela estava sentada, meio ajoelhada.

Ela então levantou e furiosa arrancou a roupa e jogou-se na areia cinza. Dois nus. Duas carnes jovens, lindas, queimadas pelo sol, bem tratadas, loucas, com pelos e unhas. E sangue e saliva e suor. Chovia do céu. Havia água com sal no mar. Tudo cinza e triste.

Ela disse: — “E então? Não quer?” Ele disse virando a cara: — “Não.” Ela mordeu os lábios. — “Por que?” Ela perguntou e ele disse: “É que eu só gosto de mim.” Ela riu e quando riu seus cabelos se mexeram e o vento levantou-os um pouquinho e a risada era estranha e triste. O vento era gelado e frio. O mato era quente e o mar também. Ele disse: — “Estou com frio.” E ela parou de rir e agasalhou-o com os braços e apertou-o fortemente e começou a sugá-lo, a beijá-lo! Ela mordeu seus ombros musculosos e ficou louca e seu cabelo voava de cá para lá numa dança selvagem que nem as ondas do mar. E ela passava as mãos pelo corpo dele e se esfregava nele e o beijava que nem louca. Ele sorria amargamente. Ele só gostava dele.

Céu cinza e brilhante pois as nuvens cinzas brilham. Não sei se é o reflexo das gotas ou se é a presença dos relâmpagos. Os relâmpagos que estão dentro das nuvens prontinhas para sair e riscar o céu e cair na terra com o estrondo do trovão, o tambor do espaço.

E ela o amava! Os dois caíram na areia cinza. E se amaram. Praticaram o ato sexual, Muito a contra gosto ele praticou o ato. A areia se grudava na carne suada e molhada. A noite caiu que nem uma cortina preta ao lado da cortina cinza da chuva e tudo ficou escuro que nem dentro das florestas misteriosas. O ruído do mar era lindo e com a chegada da noite parece que aumentou. No escuro, na areia cinza, dois corpos nus, cheios de areia, estranhas, com muito sangue, carne, ferocidade. Roupas jogadas na areia que nem os corpos? Não. Os corpos se moviam e tinham sangue correndo na carne. As roupas não se mexiam nem tinham sangue.

Ao longe existia uma igreja. Ela era pequena e dourada. E havia uma praça na frente dela e grama na praça. E alguém entrou na igreja. Dentro da igreja era escuro e dourado. Velas acesas. Este alguém foi até o altar e roubou o crucifixo bonito e dourado. Arrancou-o do altar e levou-o para fora. Antes de sair fez o sinal da cruz. Ele não acreditava em Deus porém acreditava em Jesus como homem, como revolucionário da felicidade. Do amor. E foi por isto que ele roubou a imagem do Cristo.

Saiu, pisou na grama que estava molhada e fosforescente naquela noite de chuvinha e foi andando e foi até a praia. E andou na praia de areia cinza com o crucifixo dourado na mão.

Ele o segurava com respeito. Ele tinha um lenço vermelho no pescoço. Estava descalço e seus pés pisavam na areia cinza. E camisa aberta

no peito, camisa que o vento fazia dançar. Calça azul barata.

O mar parecia um samba bossa-nova, tão lindo, tão quente estava! E o sujeito que roubou o Cristo dourado andava com os pés descalços na água quente do mar bonito de noite. Era gostoso! Ele sorria com a gostosura da água pura do oceano molhando seus pés que andavam e com o crucifixo dourado nas mãos!

Ele via diante de si a noite e lá ao longe uma luzinha. A luz da casinha da menina que era fi-lha de gente rica e que olhara de binóculo o narciso se banhar. E que agora amava narciso na areia.

Os dois na areia se amavam. Ele não estava gostando muito. Ela sim. Ela era tão bacante, tão sexual que nem percebia que ele estava quase que indiferente. Na verdade ela era tão sexual que estava em estado de transe e era tanto o fogo dela que até ele ficara um pouquinho menos indiferente. Ele beijava com a boca seca. Ela tremia por todo o corpo e chegou até a lamber os dedinhos do pé dele. A areia se grudava na carne e isto era gostoso. Fazia a carne se unir com a areia. A filha do mar. Nós os humanos somos os netos do mar.

A luz da casinha da menina-bacante que amava Narciso estava acesa pois a empregada é quem acendera a luz e preparava o jantar. Os dois se amavam. Chegou perto deles o sujeito com o crucifixo dourado. Ele tirou seus pés do mar e se aproximou dos dois e perguntou sorrindo e segurando o crucifixo: — “Desculpem. Mas um de vocês está interessado em comprar isto aqui?” E mostrou Cristo em ouro. E continuou a falar: — “Vejo que são criaturas ricas pela vossa pele bem tratada e linda. Pela despreocupação com que se amam. Eu tenho um faro para descobrir gente rica!” E riu. Sua risada ecoou e batia nas ondas do mar cujas espumas fervilhavam que nem leite fervendo. E a menina bacante disse para ele: — “Eu não quero. Mas sei de uma tia minha que tem uma casa lá na outra praia que gostaria. Ela adora artigos religiosos. Fica lá na outra praia. E agora ciao seu chato interruptor de amores.” O sujeito do crucifixo sorriu. Fez uma vênua, uma curvatura e seguiu caminho pela praia, pela noite. Passou pela casa iluminada da menina-bacante que existia ao lado do rochedo que tinha uma caverna por onde o mar entrava e seguiu para a outra praia onde morava a tia da menina-bacante.

Os dois tanto se amaram, ou melhor: ela amou tanto Narciso que se cansou e foram jantar. Jantar na casa dela. E jantaram.

As roupas jogadas lá na areia quem as recolheria seria a empregada que preparara o jantar e que servia a menina-bacante. Os dois comeram nus. Antes tomaram um banho de chuveiro e assim a água doce tirou todo o sal que se havia grudado na carne dele durante o banho de mar e tirou a areia da praia filha do mar. E tirou o sal do corpo dela que se havia grudado na carne dela com a areia da praia. Pois a areia do mar tem também sal porém em escala muito menor que o sal que tem no mar. E então os dois ficaram sem suor e sem cheiro de sexo também e com os cabelos e pêlos lavadinhos foram jantar. Jantaram em baixelas de prata e talheres de prata. Riqueza. Se enxugaram após o banho, ela com uma toalha cor de laranja e ele com toalha azul. E jantaram. Tinha vinho na mesa, vinho tinto e peixe e uvas e pão. Comida gostosa! E os dois comeram satisfeitos. Ele preferiu a comida que o amor com ela. Ela não. Ela preferiu o amor com ele que a comida. Enfim! Se equilibravam!

A carne deles porém continuava salgada pois toda carne é salgada por natureza. E comeram e a saliva era salgada. Enquanto isto a empregada recolhia as roupas e voltava para a casa iluminada no escuro da noite. E enquanto isto o sujeito com o crucifixo chegava na outra praia e na casa da tia da menina-bacante.

Era uma casa-palacete de mármore. Candelabros de cristal se mexendo ao vento do mar. Tlim-tlim-tlim. E ele bateu na porta. Atendeu um mordomo. Momentos após apareceu a tia. Ela era bonita porém já velha. E se vestia de um cinza-prateado muito bonito. Tinha um enorme colar de pérolas no pescoço. O sujeito do crucifixo foi convidado a entrar. Ele entrou. Descalço, camisa aberta no peito, lenço vermelho no pescoço, mãos segurando fortemente o crucifixo. A tia disse: —“Sente-se numa poltrona.” Ele se sentou. Ele não tirava os olhos da tia. A tia perguntou: —“Então o que quer?” —“Vender o Cristo de ouro.” Disse com voz rouca o sujeito, o ladrão. Ela riu e disse: — “Pensei que você fosse um padre! Ah! Ah! Ah!” Evidentemente ela estava bêbada. Ela devia ter tomado uns uísques. Ela era bêbada inveterada. Por isto que morava na praia longe da família. Morava com seu marido, um vigarista que se casara com ela por dinheiro. O marido dela era muitos anos mais moço que ela. Por falar nele, ele apareceu. Cumprimentou o ladrão-vendedor e sentou-se numa poltrona que nem os outros dois: o ladrão e sua mulher, e então eram três criaturas ali sentadas naquela sala de uma casa-palacete à beira-mar,

com candelabros de cristal se me-xendo ao vento por causa das janelas abertas e por causa da noite de ventania e mar tempestuoso.

A tia era bêbada mas não cambaleava. Era bêbada diplomada na bebedeira, tinha classe. Só pelo seu riso e algumas frases estranhas é que a gente percebia a bebedeira nesta pobre mulher. O ladrão falou: — “Me mandaram aqui. Foi uma menina. Foi a sobrinha da senhora. Ela disse que aqui se eu viesse comprariam este Jesus de ouro.” E mostrou o Jesus com a mão direita. Tia e tio olharam para o ouro. E o ladrão continuou: — “A sobrinha da senhora é muito bonita e estava se amando com um menino mais bonito que ela lá na praia.” Penso que o ladrão não regulava muito bem também. Ele era meio tantã. Ao ouvir falar no menino que era mais bonito que a sobrinha o tio perguntou com os olhos brilhando: “Quem é hem? Quem é o menino que a minha sobrinha ama?” E o sujeito ladrão encolheu os ombros e disse sorrindo: — “Não sei. Só sei que ele não parecia estar gostando muito do amor da sua sobrinha.” O tio então se levantou com os lábios tremendo e disse: — “Vou dar umas voltas pela noite. Vou ver minha sobrinha. Vou andar... ora vou andar à-toa”. E saiu abruptamente e bateu a porta com força e os cristais agora tremeram fortemente. Gritaram com muito medo de se quebrar. Os cristais são que nem frágeis mulheres ou flores.

E a tia ficou olhando para a porta com um sorriso bobo, idiota, parado. Agora se notava toda a sua bebedeira. E o ladrão perguntou: — “Então. Agora a senhora compra?” E ficou esperando. E a tia disse: — “Compro se você me possuir esta noite.” E o ladrão sorriu e disse: — “Ora, com muito prazer.” E colocou o Cristo em cima da mesa com delicadeza e os dois foram tomar banho de chuveiro e se deitaram na cama de casal do quarto dela e os dois se amaram naquela noite. Havia lágrimas nos olhos da tia. Tristeza. Lágrimas porém que logo desapareceram quando começou o contato da carne dela com a carne do ladrão. Aí a fúria do irracional venceu a melancolia do tédio e da desilusão dessa vida frustrada. Existiu o êxtase!

O tio andava pela praia sim, mas ele foi direto para a casa da sua sobrinha que ficava na outra praia, ao lado da rocha que tinha uma caverna dentro dela e mar.

O tio vestia um terno claro e sapatos de camurça verde sem meias. Camisa cor de rosa de seda fina. E o tio tinha um bigodinho. Cabelos pre-

tos. Pele bem morena queimada pelo sol da praia em dias de sol moreno.

Ele foi, chegou na casa da sobrinha e bateu na porta e entrou. Viu os dois nus jantando e cumprimentou-os sorrindo: — “Como vai sobrinha? Muito prazer meu menino!” E sentou-se à mesa. E comeu uvas. Com satisfação. Lá fora o mar dançava.

O Narciso logo ficou olhando para ele com os lábios tremendo. Narciso tinha medo é disso. Dos homens! O tio olhava insistentemente para Narciso. A menina-bacante-sobrinha não entendia nada por enquanto. Tio e Narciso trocavam olhares. Depois a mão do tio viajou debaixo da mesa e alisou a coxa de Narciso. Este deu um grunhido de prazer. Depois se levantaram da mesa. A menina beijou a coxa de Narciso. Mas o tio beijou Narciso na boca. A menina-bacante ficou furiosa. Ela agora entendia. Ela disse: — “Está bem! Mas então faremos amor a três!”

E fizeram. O tio se despiu e enquanto possuía o Narciso, possuía a contra gosto a sobrinha-bacante. Ou melhor: a sobrinha possuía Narciso.

O ladrão e a tia na outra casa se amavam com o amor tranquilo e ofegante de pessoas não mais tão jovens.

Porém Narciso gostou do amor do tio da menina-bacante. Ele, Narciso era a mulher-homem! E o tio um fauno louco. A menina-bacante percebeu isto e Narciso deixou de amar a menina. Ou melhor: deixou de deixar-se amar por ela. Narciso tornou-se violento e disse colérico para ela: — “Sua besta, largue-me. Não quero saber de você. Odeio o órgão sexual da mulher! E principalmente o teu!” A menina foi embora. Levantou-se da cama sem chorar porém com o coração mortificado e mordendo os lábios e nua foi se vestir e foi passear na noite com chuvinha lá fora enquanto o tio e Narciso praticavam o incrível ato sexual.

Ela andava pela praia pensativa e mortificada. Seus cabelos estavam tão tristes que pareciam os cabelos de uma morta. Seus olhos duas estrelas apagadas. Mulher desprezada! O pecado! O crime! O sacrilégio! Foi aí que ela pensou e resolveu. Pensou rápido. Agiu rápido.

Foi até a sua casinha de novo e de uma gaveta de um quarto qualquer tirou um revólver. Era algo brilhante. Estava carregado.

E com o revólver na mão foi até o quarto onde estavam os dois nojentos e ao entrar disse ameaçando os dois com o revólver que segurava: — “Vocês dois. Saiam daqui. Assim como estão. Nus. Vamos. Para fora. Senão eu atiro”. E eles foram. Ela atrás ameaçando-os com o revólver. E os

três estavam na chuva. Ela gritou: — “Alto!” Ela parou. Os dois pararam. Os dois estavam de mãos dadas e nus. Tremiam. Se amavam talvez. Era ridículo. Patético. Trágico. Chuvinha na areia de prata. Noite escura e fria.

Ela atirou neles dois. Os dois caíram. Ela atirou neles ainda no chão. Os dois morreram. De mãos dadas. Nus. Se amando talvez. Na areia fria e de prata. Ela, a mulher estava vingada. Ela então gritou. Gritou.

E o ladrão e a tia ouviram os gritos terríveis e o ladrão e a tia foram ver o que aconteceu. E o ladrão saiu correndo e a tia atrás. O ladrão chegou. Ofegante. A menina-bacante havia parado de gritar e olhava silenciosa para o cadáver dos dois. Os dois nus e lindos ali mortos. Com sangue escorrendo da carne maldita. Sangue que entrava na areia de prata da noite chuvosa. Rubi líquido proveniente da carne macia de loucos malditos.

A tia chegou ofegante logo após o ladrão. Os dois olhavam para a menina e para os cadáveres. Ninguém olhava para o mar. Só dali a pouco. A menina disse: - “Eu os matei. Se amavam. Eram nojentos.” A tia pôs a mão na boca. O ladrão estava imóvel. Os dois: tia e ladrão estavam nus pois pularam da cama ao ouvir os gritos.

E a menina disse: — “Quem vai levar a culpa é ele.” E apontou para o ladrão. O ladrão estava bestificado. A menina enfiou o revolver na mão dele. A tia chorava. A menina estava que nem pedra. Olhou o mar escuro.

Quando chegou a polícia o ladrão levou a culpa. A menina bacante e a tia serviram de testemunha acusando-o. A família se protege. Ele quis fugir. A polícia foi atrás. Ele corria. A polícia também. A polícia dizia: — “Não corra! Nós matamos!” Ele corria.

Quando ele foi cercado e morto ele morreu dizendo: — “Eu roubei a cruz sim! Mas eu roubei a cruz para dar o dinheiro dela para os pobres! Eu juro! Eu sou anarquista! Eu dou o dinheiro da cruz para os pobres! Eu faço isso sempre! Todas as coisas que roubo é para os pobres!” E foi morto. Baleado após o discurso. Depois o cadáver dele foi transportado num automóvel para o necrotério junto com os outros dois cadáveres. E três cadáveres nus se encontraram no necrotério e a praia ficou limpa.

Passaram-se muitos dias. Agora é uma tarde cinzenta. Ela, a menina-bacante olha o mar pensativa. Fuma um cigarro lentamente. A tia dela viajou para a Europa para descansar. Do choque. De tudo. A menina-bacante fumava tristonha olhando o mar.

Foi nesse dia que chegou alguém e disse a ela: — “Boa tarde senhora: apesar da tarde ser ruim. Mas há quem ache essa tarde bonita. Há quem ache beleza nisso tudo. Beleza na bruma. Boa tarde senhorita boa tarde.” E a menina-bacante que fumava olhando o mar olhou para a criatura que tal coisa disse e viu que era uma maltrapilha criatura. Vestida de farrapos, cabelos negros longos e olhar feliz apesar de tudo. Espantou-se a menina-bacante. Uma coisa antiga ia gritando dentro dela. Algo antigo: infância, e algo recente trágico. Incrível! Ela perguntou para a maltrapilha: — “Quem és?” E a maltrapilha sorriu e disse: — “Sou uma maltrapilha. Vagabunda. Viajo por aí. Eu era amiga de alguém que a senhorita conheceu.” Havia o silêncio e as nuvens dançavam. E a maltrapilha continuou: — “Era amiga do ladrão que foi morto pela policia. Sei que o pegaram em flagrante mas vim falar com a senhorita pois tenho a certeza de que ele não matou ninguém. Ele era puro. Fizera juramento de nunca matar ninguém. E nisto eu creio. Ele era da mesma crença que eu. A crença do amor e da felicidade.” Era esquisito tal maltrapilha falar com tanta fé e falar em felicidade e amor. A menina-bacante olhou-a longamente com o cigarro na mão e tentou ironizar: — “Então ele era ladrão e não seria capaz de matar ninguém é?” E a maltrapilha respondeu: “É”. E foi um é de pureza e convicção e houve o silêncio. Só o mar falava com suas ondas para cá e para lá e o céu das nuvens cinzentas estava triste, triste.

J. - I

Era como fera perseguida que ele chorava. A noite era de estrelas mas ele chorava como fera perseguida em seu quarto sujo ouvindo o mesmo blue toda a noite até seus olhos ficarem ardendo e uma vontade de choro por todo o corpo existir sem chorar por isto os olhos ficavam secos ardendo e o choro era interior, sua alma chorava dentro do corpo, no coração. Ele trabalhava numa loja e de noite se torturava. Vestia blue-jeans antigos e o jazz agoniado levava-o para dentro dele e para os mundos da fantasia triste.

A noite de estrelas fazia o céu pegar fogo. Milhares de velas brilhantes ardião lá em cima daquele veludo negro e a fumaça das estrelas seriam as nuvens que mais tarde quando o dia nascesse coalhariam o céu de tristeza cinzenta e choveria.

Quando choveu naquele domingo de manhã ele dormia com a cabeça enfiada no alto-falante da vitrola que tocava sem parar o blue “Losing Hands”.

Não tinha nada de seu. Uma vida miserável de pequeno burguês e um blue a tocar por sua noite sem parar. As árvores se mexiam com o vento molhado de chuva a surgir de montes longínquos e impossíveis. Lá perto da grande serra. Ele estava isolado porque sofria de uma dor incalculável. Uma agonia que reunia todas as dores e ele então transportava estas agonias para um bandolim que ele tocava cantando músicas com voz chorosa e meio anasalada. Caíam gotas de forte chuva naquela manhã de domingo cinzenta. Seu bandolim em cima da mesa parecia uma arca ou uma nave (para navegar lá fora) pois chovia tanto que parecia haver ondas lá fora feitas de água de chuva. Domingo. Ninguém na rua. Ninguém.

O blue tocava sem parar. Ele dormia com a boca aberta, com as mãos crispadas e a respiração funda, muito funda e dolorida como os acordes do blue. Seu bandolim estava quieto em cima da mesa. Lá fora ninguém e ninguém. Um automóvel passou lá embaixo. Ele morava numa casa parda. O vento soprava por entre as gotas da chuva dançando, se esgueirando como bailarino. As folhas das árvores pareciam chorar. Tudo parecia chorar.

O chão parecia chorar com a água escorrendo em cima dele. O blue chorava e ele e o bandolim quietos choravam quietos. Não sei porque mas a nostalgia existente em tudo parecia gritar. Gemidos percorriam o ar como os latidos de um cão escondido nalgum buraco fugido da chuva ladrando agoniado com a agonia dos irracionais. Como a chuva, o blue. O cão ladrava pela manhã de domingo. O domingo era cinzento, cinzento. E navegava com a calma de uma nave dos mortos. Passou alguém pela rua. Era alguém de capa, uma menina magra metida numa capa de matéria plástica. Seus cabelos escorriam água. Seus olhos eram tristes como a água e esta agonia toda. Ela olhou de modo simples muito simples suspirando para cima, para a janela do quarto onde morava J. Seu nariz se molhava na chuva e seus pés sentiam o chão molhado. Havia um cheiro de tristeza por todo lugar. Ela ficou imóvel, olhando como estátua triste molhando seu nariz. Sua capa transparente de matéria plástica, carne magra, brincos ordinários nas orelhas. Olhos fundos como a

noite que se foi. Ela trabalhava numa loja e gostava de J. Trabalhava na loja vizinha. J. tinha dito a ela: — “Eu um dia vou para longe. Vou viajar de navio.” Ao que ela riu e açoou porque não gostava da idéia de vê-lo partir e disse sardônica e maldosa com os lábios cerrados e cínicos: — “Você não tem dinheiro. Pobre não viaja!” E ele respondeu sério e compassadamente como sempre fazia nas ocasiões em que o irritavam. Porque em outras era feroz e se exaltava mas agora ele respondia calmo: — “Eu vou. Me emprego numa companhia de avião e vou. Tenho que tomar uma decisão na vida.” E ela não respondeu. Fingiu que não se importava mas seu coração doeu.

Não conseguiu dormir durante três noites e na terceira pela madrugada saiu a andar. Começou a chover. Amanheceu. As estrelas se apagaram com a chuva e o domingo cinza surgiu. Ela andou com sua capa de matéria plástica pela chuva (a capa lhe dava um ar de fantasma) até chegar na casa dele e ficou espiando para a casa dele como se espiasse para ele porque ela sabia que atrás daquelas pedras, daquela cal, daquela cor parda, lá daonde vinha um blue misturado com ruído de chuva estava ele, o bem amado.

E ficou olhando para lá como um passarinho aflito olha para seu ninho. Molhando o nariz, sofrendo envolta numa capa de matéria plástica.

Ele acordou e bocejou. Seu bandolim foi a primeira coisa que ele viu e reparou. Ela estava lá embaixo como estátua e passarinho. Tudo muito triste. Ele foi fazer as necessidades. Só depois abriu as janelas e o ar frio bateu em sua carne. Viu a menina lá embaixo. O blue continuava tocando. Ele fechou os olhos meio com ódio de tudo, dele, da vida que levava, dela e do vento. Só não sentiu ódio do blue porque o blue era sua alma e sem ela ele morria.

Depois ensaiou um sorrisinho mas logo depois gritou: — “Vai embora.” Ela abaixou a cabeça e começou a andar pela praça envolta em sua capa. Em frente da casa dele havia uma praça e trilhos de bonde cercando a praça como um anel brilhante banhado pela chuva e servindo de leito para um rio de chuva que escorria pelos trilhos. J. estava com sono. Fechou as janelas e deitou e dormiu de novo. O blue não parou de tocar. Ele acordou só de noite quando desceu para comprar uns sanduíches num bar e foi este seu jantar. Chovia pela noite e ele antes de sair com dor no coração desligou o blue, a vitrola. Mas o blue foi com ele pela rua, por aí.

Foi num cinema depois e não encontrou ninguém, ninguém que conhecesse. Nem estava com vontade de encontrar. Ou estava? Ele não sabia.

Depois do cinema andou desesperado sem saber o que fazer. No íntimo sabia. Mas como des-cobrir? Arranhar a carne? Sofrer, sofrer até descobrir o que estava no íntimo? Isto de fazia todos os dias e todas as noites até dormindo sofria. Quando chegaria no fim? E estremeceu ao pensar na morte.

As árvores dançavam com malevolência de blues. Ele ouviu uma buzina aguda. Depois o automóvel sumiu branco na névoa lá em frente e ficaram as árvores dançando no ritmo da dor. Ele riu e riu de repente. Às vezes fazia piadas sozinho para ele e ele ria. Eram situações cômicas e patéticas a que se expunha em imaginação. Depois a seriedade voltou com força maior. E as árvores se moviam mais lentamente na dança cósmica da dor, e o coração dele estava cheio de amor para dar!

Ele sorriu chorando. Parado na rua de noite com as águas da chuva escorrendo a seus pés com luzes refletidas de estrelinhas artificiais que os homens colocaram em cima dos postes. Alguém pousou a mão no seu ombro. Teve um calafrio. Virou-se lentamente como uma cobra, olhos frios e grito pronto na garganta pronto para sair que nem vômito: era um amigo. Dois sorrisos de amizade, ternuras doces. O amigo mostrou um jornal molhado com umas fotografias: “Você viu as guerrilhas? Você viu as guerrilhas?...” O amigo vestia um capuz, parecia um monge de jornal molhado na mão. J. respondeu amuado: — “Calma, o negócio tem que ir com calma, calma...” Ao falar calma fez sinal com as mãos indicando um barco navegando. — “Bem, são nossas divergências, duas tendências.” O outro quando falava falava em termos técnicos, isto o estragava. No fundo era um bom rapaz, exagerado, imediatista, queria tudo amanhã, não tinha calma, calma... Despediram-se com outro abraço: o da despedida. E as árvores dançavam no ritmo doloroso. A paixão fervia no corpo de J. fervia nas coisas e em todo mundo. J. caminhou pensando: a calma ou a pressa? Qual das duas eleger definitivamente sem ter dor de consciência? A consciência sempre haveria de doer e a dúvida de existir entre a calma e a pressa, entre o impulso e a constatação fria. Nem ele nem o amigo tinham a paz do 100% isto porque o ser humano não é 100%. Nem é paz. É conflito mas quer ser 100%. E paz. E nos momentos de loucura exaltação

e arte chega (ou pensa que chega) aos 100%. Mas os números se diluíram nas gotas de chuva antiga rolando pelo chão. Parecia o dia da morte dele. Todos os dias se pareciam com o dia da morte. Parecia que existia um bicho dentro dele que se movia arranhando com suas patas a parede gelatinosa do estômago dele e os pulmões. De vez em quando o sexo doía por causa do monstro.

O vento voava alto e só mexia agora nas folhas mais altas das árvores mais altas e nas vidraças dos andares altos dos prédios molhados de parede fria. J. pensou em ritmo de blues, todo aquele dia fora em ritmo de blues: “guerrilhas ou calma...” bom título para um poema torturante que ia dentro do seu coração. E começou a cantar uma canção agoniada. Alguns passantes olharam mas logo depois continuaram seu caminho. O vento soprava alto. Passarinhos não havia à vista. Ele cantava, berrava, a canção que nascia e morria em seu coração e seus olhos sonhavam com o infinito. Seus pés pisavam a terra. O vento soprava alto. Ele tinha tanto amor no coração para dar!

II

A estrada longa e os pinheiros agudos. J. seguia seu rumo como um bicho agora. Andava nervoso à espreita de uma chuva maior como se isso fosse possível. Os blue-jeans sujos eram estranhas bandeiras amarrotadas. A estrada, os automóveis. Sim, porque de tanto andar chegou na estrada. O que fazer? Abandonar o serviço? Comer o que? Não tinha bossa para mendigo. Ah! O vento como era bom este arejador de ambientes e pensamentos! Vinha do mar e só esta origem dava ao cavalgador etéreo dos espaços uma dimensão infinita de banho e purificação. J. caminhava agora sentindo-se mais bicho ainda; só que não era bicho coisa nenhuma, estava tão longe de ser realmente bicho! Como a terra das estrelas em dia de chuva quando nem se vê as estrelas. Mas dentro dele o animal acuado ia crescendo, se libertando ao sentir o vento bater com insistência de carinho voluptuoso na carne dele.

Teclas de piano tocando blue ressoavam por seu corpo e faziam seu sangue dar pulos nas veias e artérias como se houvesse peixes que de vez em quando ao nadarem pelo seu sangue empinassem como cavalos loucos ao ouvirem as teclas do piano chorando blues. A voz do cantor

negro fazia o ar pesado ficar mais pesado ainda e esmagar o ser. J. ouvia dentro de si a voz do cantor, o piano, o contrabaixo e a volúpia do blue tanto ele ouviu o blue dormindo e acordado que ele entrou nele como a comida e a água e o vinho e a saudade.

A música, o blue, a canção existiam dentro dele como um pedaço de sua carne. Era uma espécie de outra mão, uma terceira mão, outros cabelos. J. sentia-se livre. Mas não podia ir longe? Fugia do serviço? Domingo chegaria ao fim. E o que fazer? Fugia? Fuga? Estava ficando bicho mesmo, irracional! Já não pensava nas consequências, queria andar e se embriagava com o ar que o vento empurrava para dentro de suas narinas. Passavam automóveis. Caminhões e automóveis finos, indústrias de carros de passeio cheios de música e beleza da técnica para quem pode comprá-los. E J. andava a pé. Todo molhado e suas botinas pisavam como botinas militares o chão molhado. Guerrilhas? Calma? Ora, todas as coisas andam juntas. O que interessava realmente era o êxtase. Deu um grito que era um gemido. Muito humano.

Um caminhão tinha dado uma trombada. Havia policiais, gente na chuva, capas de plástico dançando ao vento. Ao ver as capas de plástico lembrou-se da menina que o amava e que era chata. Sorriu gostosamente. O desastre tinha sangue. Era realmente um desastre como ele realmente ia se tornando em bicho pois ao chegar perto do sangue que escorria no asfalto molhado por entre os pneus e os pés dos homens ele deu um gemido de prazer ao ver o sangue, mas era de dor ao mesmo tempo. Um prazer-dolorido. Uma mistura de opostos. Ele ia misturando os opostos dentro de si e chegando ao caos, sentia um turbilhão, um conflito-paz e isto o tornava cada vez mais um bicho, um bicho novo, talvez um novo homem, homem não é bicho?

Afastou-se do desastre. O desastre ficou para trás e a pequena multidão de capas plásticas e faces lamentadoras e duras desapareceu. J. olhava agora para pequenas arvorezinhas que como pequenos vegetais e plantas mimosas recebiam borrifos de chuvinha. Alguém gritou atrás de J: — “Ei! Você aí!” J. voltou-se com um sorriso (sorriso à-toa, sem motivo, para mostrar talvez que tinha confiança na vida e nas coisas) e disse: — “O que é?” E o desconhecido com as mãos crispadas falou patético quase chorando e raivoso com muito ódio porque era um ódio sentimental: — “Você riu ao passar pelo corpo do meu irmão. Você riu eu ouvi! Fez

aaaah!” — “Não, não era riso era gemido.” Respondeu com calma sádica e sorriso frio de prontidão para a luta, J. — “Eu ouvi bem, era um gemido riso! Era uma caçoada. Você sabe que era! Se ele morreu você não sentirá remorso? Olhe, eu estou bêbado ele estava mais. Por isto o desastre. Você pode dizer que foi castigo do céu? Pode? Castigo do céu?” E olhou para cima com os olhos esbugalhados o desconhecido. J. sentiu piedade. Viu que o estado do desconhecido não era de luta mas de dor profunda e lamentação. J. falou com os olhos hirtos como o aço dos automóveis: — “Não, não foi castigo. E por que o céu haveria de castigar aquele que trabalha guiando caminhão pela estrada?” O desconhecido chorou. Era um homem forte, um brutamontes chorando. Uma cena conhecida porque os brutamontes choram muito quando a dor queima.

E caiu aos pés de J. J. sorriu benevolente, distante, doce e amargo, presente e ausente, infinito e finito, ah! todas as coisas! Alisou os cabelos do brutamontes chorão e disse: — “Teu irmão viverá.” Disse-o num suspiro profundo e quando suspirou parecia absorver todas as forças da terra que triste se banhava na chuva, que triste suportava os homens, que contente dava a luz às plantas e que desconfiada olhava as coisas que os homens inventavam e que se chama a grosso modo a: técnica. Ah! Velha mãe eu te amo, mas o progresso é um cavalo louco que te levará ao infinito na figura e imagem do teu mais doído fruto que é o homem, e o homem filho da terra que o teme (pois a velha mãe olha espantada dia e noite para o rebelde que não é como os pássaros as plantas e os rios, mas é tudo junto numa ousadia sem igual) levará para os recantos do Universo a doçura e a amargura que a velha mãe lhe legou e mais alguma coisa que é dele, do homem, só dele, digo isto num supremo egoísmo triste e vaidoso.

O brutamontes parecia um caminhão. J. consolava um caminhão humano. O desconhecido se levantou e disse: — “Obrigado.” Deu meia volta e sumiu. Foi para o desastre, para as capas plásticas, para o irmão que sangrando viveria pois assim o garantiria J. um vagabundo viajante pequeno burguês.

J. estava sozinho. Mas dera alguma coisa! Ternura, esperança. E o ser humano cresceu. O bicho foi embora e ficou o Messias. Os olhos de J. brilhavam como vagalumes. Seus lábios estavam quentes de amor pela Humanidade. Por todas as coisas pois agora em todas as coisas via Hu-

manidade. Coração-blues.

E agora para onde ir? Voltar ao serviço? Domingo ainda não chegara ao fim. A estrada ao longe brilhava prometendo um sol inédito como o são os sóis na estrada. Mesmo que chovesse o sol furava as nuvens. E mesmo que não as furasse mandaria uma doçura prateada, sangue do seu corpo dourado de sol, para encantar os humanos. Mas J. voltou a ser bicho numa velocidade de quem volta atrás, bate em retirada. Mistério da vida humana! Vai ver ser messias não é para todo momento e como concha que se fecha o bicho surgiu nos olhos de J. e agora ao invés de vagalumes eles eram gelatinosos, lentos. Caminhava agora numa dimensão outra. As pedras ao lado da estrada que agora surgiam como elefantes negros e marrons espiavam com sua agudez de pedra o oceano invisível por enquanto a olhos humanos lá embaixo coberto pela névoa e melodias inauditas percorriam o ar, entravam no corpo de J. e J. não sabia se as melodias nasciam dele e dele brotavam para o mundo ou se do mundo entravam nele como a comida e o blue ouvido e engolido. O vento trazia um pouco de sol, dourado em si por mais estranho que pareça, é que o vento nascido sei lá aonde do conflito e choque do ar quente com o frio e porque percorria espaços bem altos e distantes vai ver passou por um lugar em que o sol dourava as planícies em que era dia ainda ou onde já era dia. O vento como corda antegozava sempre o crepúsculo e as auroras. Bebia do mel dourado porque voava acima das nuvens e depois voltava para a triste terra molhada, enevoadada, amargurada dor da face do homem na cara de J., e o vento então trazia como confetis escondidos, raios de sol diluídos catados por aí nas misteriosas andanças, talvez, talvez. O talvez casa bem com esta plenitude cinzenta de fluir medonho. J. sabia que daqui a pouco amanheceria. E aí?

O vento não ligava para o tempo, mas nascia e morria. Mistério estranho. O homem que quei-ma que nem coração apaixonado também vive assim, é o poeta. E passou de repente dentro de um automóvel branco conversível uma cabeleira e um violão, um homem que era poeta, um cantor. Se não me engano J. viu o poeta Vinícius de Moraes com seu encantamento mágico passar por ali ao lado de uma mulher! Nem sei se era engano, J. agora tinha visões novamente, muitas e muitas, repetiam-se numa avalanche de chuvas de verão. Mas constante era a tristeza base, o rio sereno da chuvinha triste e fria, gelada, gelada, ocultando amor den-

tro de si, amor quente, que queima.

J. pensava gravemente. As melodias existiam no ar, eram coisas que J. podia pegar agarrar, xingar e falar. Até beber. Possuir com o sexo que o monstro fazia doer. Umidade existia em profusão. Lagos e lagunhos. Poças e riachos. Vegetação embebida de água, fazendo sexo com vento murmurando por cima dos corpos dos vegetais fazendo sexo, quando chove, quando a água molha a planta, é aí que o vegetal fica sexual. Só lhe falta o amor que só em coração humano existe.

J. espirrou e a manhã ia nascendo. Lá embaixo o sol se levantava. Houve um murmúrio pelo ar, saudou-se o sol nascendo. Algo, alguém, todas as coisas saudaram o velho rei erguendo-se das águas, batendo nas nuvens, iluminando o dia!

A luz prateada bateu nos olhos de J. Chovia e a chuva agora se mostrava pura e transparente. Segunda-feira, dia de trabalho. J. estava trabalhando?

III

E J. andava como um rato perdido na noite. Mas era dia, dia cinza como é terrível o dia cinza que se parece com um mar triste e longo beijando as terras cheias de homens que podem fazer o seu futuro!

Foi quando J. viu uma casa e ela lembrou a ele uma casa antiga de luzes quase apagadas, tristes, de antigamente à beira-mar quando J. ainda era uma quase-criança adolescente brincando com as ondas e elas quase o derrubavam, quando J. tinha, e neste instante sentiu uma dor no peito que quase o fez cair, quando tinha o seu amor impossível de tanto tempo atrás!

J. começou a chorar doloridamente. As ondas do mar ao longe choravam também castigando a areia empurradas pelo vento que Deus soprava com fúria contra os homens que o enfureciam e por isto soprava o vento. Mas os homens tinham ódio do Deus malvado que no fundo não existia. Eles agora faziam a História. Consciência como dói!... Quando virá o tempo do paraíso dourado? Dos homens-pássaros cantando em coro sem sofrimento nenhum? Ah! Um mundo assim não quero, chegará o paraíso da angústia, da alegria verdadeira que tem sofrimento pois se

não tem não é alegria, é coisa não humana, pois o homem é lágrimas, risos, dor alegria, e glória, glória ao homem que é o rei do universo na contradição de sua humildade terrível que às vezes se torna em loucura, ah! vento doido como você me machuca!

J. andou e andou e chegou ao glorioso mar que é humano pois se não fosse não era glorioso! E cantou quando chegou à beira do mar uma canção triste de amores pelo tempo e dos grandes dias do futuro. Quedou-se soturno olhando a praia. Era um vagabundo, um poeta que retornara à estrada. Sua barba crescia e a liberdade dentro dele cantava e o futuro se desenhava ante seus olhos e as montanhas ao longe eram só bruma, o mar era água com sal. O céu era fogo e água.

J. era agora de novo o vagabundo-messias. Feliz? Ou não? Perguntas bestas de repente., mas J. retornara; êta ciclo penoso!

J. olhava para o mar e via os peixes pulando na água. Espirravam água e as gaivotas mansas pairavam e mergulhavam no mar para catar peixes. Bicavam os peixes e subiam de novo para o céu, o outro grande mar feito de vento e nuvens.

— J. tinha um terceiro mar nos seus olhos, mar de humanidade, tortura e ternura humana. Ó! Este ó é o ó da ironia.

Por que tão louco? Só o destino sabe. J. sorriu pensando em você. Você mesmo, que eu não digo o nome só para emburrar e criar mistério. Isto também é ironia? Ora, quem se interessa por tantas minúcias? A vida é um grande mar...

E a lua que existia por algum lugar era uma lantejola de prata. Os homens amavam de noite. O sol morria por detrás da chuva, criatura plástica e cruel (para o sol), que mergulhava tudo numa magia doce-amarga, fininha cheirando a sonho, saudade, tristeza, estradas molhadas pela bruma doida e infinita, coisas antigas, muito antigas, campos escurecendo, alguém, alguém do meu lado sussurrando algo que eu não entendo bem. Parece uma profecia. As profecias nunca são bem entendidas. Algo terrível? Só gosto das coisas terríveis. J. começou a cantar um samba bossa-nova. Agora ele gostava da bossa nova e cantou Maria Ninguém. O mar estava ali soberano de si mesmo e as suas águas lembravam o Rio de Janeiro querido de J. As águas azuis e negras. Ao longe a estrada querida. Como é boa a estrada! Pela estrada a gente vai como num samba bossa-nova e é por aí que J. foi. Vendo o mar, beirando o mar, sentindo o

mesmo mar que banha o Rio de Janeiro Guanabara terra natal Ipanema!

J. adorava a vida, esqueceu o emprego. Começou a fome. Tinha algum dinheiro. Vagabundo. A estrada era um sol e o mar era a noite que acolhe a gente em sua infinita imensidão. A bossa-nova era tão linda que era um sol maior que o sol que existe, era o sol que existe em nós a vida! Um sol que rodopia como girassol doido embriagado de amor. E o girassol girava, era um sol maior, era a vida em nós, o futuro bom que é como um chocolate ou canto de passarada.